

Domingo XXIX do Tempo Comum-Ano C – 19 outubro 2025



⁶E o Senhor continuou: «Reparai no que diz este juiz iníquo. ⁷E Deus não fará justiça aos seus eleitos, que a Ele clamam dia e noite, e há-de fazê-los esperar? ⁸Eu vos digo que lhes vai fazer justiça prontamente. Mas, quando o Filho do Homem voltar, encontrará a fé sobre a terra?» Lucas 18, 6-8

Viver a Palavra

Desde pequeno, que sempre me fascinou a imagem que a primeira leitura coloca à nossa reflexão. Recordo os desenhos animados de Domingo que contavam “*As mais belas histórias da Bíblia*” e que num dos seus programas falava sobre esta batalha do Povo de Israel contra Amelec e como me impressionava ver que não eram apenas as forças do Povo de Israel que lhes trazia a vitória, mas a oração de Moisés, auxiliado por Aarão e Hur, sobre o monte.

A beleza deste quadro bíblico que evoca a minha infância revelou-me sempre a certeza de que Deus luta connosco nas batalhas de cada dia e nos auxilia nos desafios e aventuras que a vida nos oferece. É verdade, que muitas vezes as batalhas a travar são difíceis e que os nossos braços começam a vacilar, os nossos pés tornam-se titubeantes... Mas não caminhamos sozinhos! Quantas vezes como Moisés, na estrada da vida, encontramos mãos prontas e disponíveis como Aarão e Hur para nos ajudar a orar sem desfalecer, a manter as mãos erguidas para o alto e a reconhecer que “Ele está connosco” e é a fonte da nossa força e coragem.

Com o salmista somos convidados a cantar: «*o nosso auxílio vem do Senhor que fez o Céu e a Terra*». Como é belo conceber a aventura da vida de pés bem assentes na terra, para nos fazermos aos caminhos da missão, mas simultaneamente de olhos postos no Céu recordando a meta da nossa vida. Assim, de braços levantados em oração podemos recordar sempre que «*o Senhor é quem te guarda, o Senhor está a teu lado, Ele é o teu abrigo*». Temos como auxílio o Deus de Israel, o Deus das vitórias, o Pai do Senhor Jesus Cristo e, por isso, caminhamos confortados e animados por esta força que fortalece os nossos passos vacilantes. Não há nada a temer porque o Senhor é o meu auxílio e a minha confiança. Aquele que me dá força e caminha comigo nos trilhos da vida e da história é o Senhor que fez o Céu e a Terra. É este Deus grande e forte para quem os impossíveis se tornam possíveis pela certeza do Seu infinito amor e da sua incomensurável misericórdia.

Mas, então, o que devo fazer, consciente de que o amor de Deus me envolve e protege? Devo rezar sempre, sem desfalecer nem desanimar! Permanecer de braços levantados invocando o auxílio do Senhor, mesmo quando tudo parece perdido, pois para Jesus não há caminhos sem saída. Devo estar atento a quantos parecem desanimar na estrada da vida e ser como Aarão ou Hur uma mão que ampara os seus braços e os ajuda a rezar. Devo rezar por aqueles que não sabem rezar, por aqueles que perderam a vontade de o fazer, por aqueles que mais precisam da minha oração. A oração é a mais antiga e universal rede social, pois nos coloca em união e ligação, uns com os outros e todos unidos com Jesus. Unidos uns com os outros e todos juntos ao Deus e Senhor das nossas vidas que nos aponta o caminho da eternidade.

Iluminados pela Palavra de Deus que como afirma S. Paulo «*é útil para ensinar, persuadir, corrigir e formar segundo a justiça*», percorramos os caminhos da nossa existência, guiados pela Palavra da Escritura, alimentados pelo Pão da Eucaristia e animados pela força do Espírito Santo.

Rezemos sempre! Rezemos sem desanimar! De braços levantados, sabemo-nos portadores da mais bela certeza: «*o meu auxílio vem do Senhor que fez o Céu e a Terra*». Pequenos, frágeis e débeis como a viúva do

Evangelho, sabemos que só em Deus podemos encontrar abrigo e, por isso, lhe batemos à porta insistentemente, porque a porta que Deus nos abre nos aponta o caminho da Ressurreição e da Vida, o caminho do Amor e da Misericórdia.

Não obstante tudo isto, «quando voltar o Filho do homem, encontrará fé sobre a terra?». *in Voz Portucalense*.

+++++

Continuamos no Tempo Comum, continuamos o Ano Litúrgico – Ano C – onde somos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025 -, acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Êxodo 17,8-13a

Naqueles dias,

Amalec veio a Refidim atacar Israel.

Moisés disse a Josué:

«Escolhe alguns homens

e amanhã sai a combater Amalec.

Eu irei colocar-me no cimo da colina,

com a vara de Deus na mão».

Josué fez o que Moisés lhe ordenara e atacou Amalec,

enquanto Moisés, Aarão e Hur subiram ao cimo da colina.

Quando Moisés tinha as mãos levantadas,

Israel ganhava vantagem;

mas quando as deixava cair, tinha vantagem Amalec.

Como as mãos de Moisés se iam tornando pesadas,

trouxeram uma pedra e colocaram-no por debaixo

para que ele se sentasse,

enquanto Aarão e Hur, um de cada lado,

lhe seguravam as mãos.

Assim se mantiveram firmes as suas mãos até ao pôr do sol

e Josué desbaratou Amalec e o seu povo ao fio da espada.

CONTEXTO

A secção de Ex 15,22-18,27 desenvolve um dos grandes temas do Pentateuco: a marcha pelo deserto dos hebreus libertados da escravidão no Egito. Aqui estamos, ainda, na primeira etapa dessa marcha, a que vai desde a passagem do mar (cf. Ex 14,15-31), até ao Sinai.

Ao longo da caminhada, Israel confrontou-se com as mais diversas contrariedades. Algumas – por exemplo, a sede (cf. Ex 15,22-27; 17,1-7) e a fome (cf. Ex 16,1-36) – resultaram das condições naturais que o ambiente desolado e hostil do deserto impunha; mas outras advieram de fatores humanos, nomeadamente da oposição de grupos inimigos. O episódio que a primeira leitura deste domingo nos apresenta refere-se a um confronto com um grupo inimigo designado no texto por “Amalek”.

Os amalecitas eram uma tribo nómada, violenta e agressiva, que circulava pela zona do Neguev (“sul”), entre o Sinai e Canaan. O oráculo de Balaão (cf. Nm 24,20) refere-se aos amalecitas como “o mais antigo dos povos”. Descendentes de Esaú (cf. Gn 36,12), os amalecitas eram aparentados com Israel. Provavelmente viram os hebreus que atravessavam o deserto como uma ameaça e quiseram opor-se à sua passagem. Mais tarde aparecerão como adversários de Saul (cf. 1 Sm 15) e de David (cf. 1 Sm 30). Ficarão na história como os inimigos por excelência dos israelitas.

Uma informação suplementar, fornecida por Dt 25,17-19, permite-nos entender este primeiro confronto entre amalecitas e israelitas a que o nosso texto se refere: os amalecitas, emboscados no deserto perto de um lugar chamado Refidim, atacaram o grupo de Moisés e mataram alguns dos mais sedentos e extenuados que se arrastavam na retaguarda da caravana. Em resposta, Moisés mandou Josué reunir um grupo de guerreiros e dar uma resposta ao brutal ataque dos amalecitas.

Josué, o chefe que Moisés pôs à frente do grupo armado de hebreus enviado a combater os amalecitas, é aqui nomeado pela primeira vez. Também é referido com o nome de Oseias (cf. Nm 13,8). A tradição bíblica diz que foi Moisés que lhe mudou o nome para Josué (cf. Nm 13,16), um nome que significa “Javé salva” (a mudança de nome está muitas vezes ligada, no contexto bíblico, à escolha de uma pessoa para uma determinada missão). Josué aparecerá em diversas situações como ajudante de Moisés (cf. Ex 24,13; 32,17; Nm 11,28). Foi um dos homens que Moisés enviou a Canaan em missão exploratória, antes da penetração do povo na terra (cf. Nm 13,1-24.30). Josué receberá o encargo de suceder a Moisés na condução do Povo de Deus (cf. Nm 27,1223) e será ele que levará o povo a entrar na Terra Prometida (cf. Js 1,1-9). *in Dehonianos.*

INTERPELAÇÕES

- Uma leitura superficial do relato que descreve a vitória dos hebreus sobre os amalecitas pode causar-nos alguma perplexidade e alimentar ideias erradas sobre Deus. Deus é parcial? Deus toma partido por um determinado lado quando há dois povos desavindos? Deus luta por um povo contra o outro e ajuda um povo a massacrar o outro? É claro que não. No entanto há quase três mil anos, de uma forma algo simplista, era dessa forma que os teólogos de Israel “liam” a história do seu povo: “sempre que os nossos inimigos quiseram oprimir-nos e esmagar-nos, Deus interveio para nos salvar; Deus não fica de braços cruzados diante do sofrimento que é infligido ao Seu povo”. É possível que hoje, com uma compreensão diferente de Deus (afinal frequentamos a escola de Jesus e temos uma ideia mais definida de Deus e da sua justiça), contássemos a história de uma forma diferente. Seja como for, há uma mensagem que é incontornável: o Deus de hoje – como o Deus de ontem – não suporta a injustiça, a opressão e a maldade; Ele nunca fica do lado do opressor e não aceita ser cúmplice do injusto e do violento. Mais: Deus está presente e atuante nos gestos e nas palavras de todos aqueles que lutam pela libertação dos seus irmãos e procuram fazer nascer um mundo mais justo e mais livre. Temos consciência disso? Somos capazes de reconhecer a presença e a ação de Deus naqueles que se esforçam por construir um mundo mais humano e mais pacífico?
- A atribuição de toda a responsabilidade a Deus, na vitória de Israel sobre os amalecitas, põe em relevo uma realidade que a catequese de Israel não se cansa de sublinhar: não é pelo seu poder militar ou pela superior coragem dos seus guerreiros que Israel pode ultrapassar as crises e oposições que encontra no seu caminho; quem protege e salva Israel é Deus. Tudo aquilo que Israel conseguiu, ao longo do seu caminho histórico, deve-se à bondade, ao amor e ao cuidado de Deus. Ao sublinhar esta ideia, a catequese de Israel pretendia evitar qualquer atitude de orgulho e de autossuficiência e potenciar uma entrega confiada do povo nas mãos de Deus. Talvez nós, homens e mulheres do séc. XXI, devêssemos recuperar esta lição. As brilhantes conquistas científicas e técnicas de que nos orgulhamos, os extraordinários avanços civilizacionais que temos conseguido, têm contribuído para nos instalarmos numa certa arrogância e autoconvencimento. Sentimo-nos invencíveis e dominadores. Não nos faria bem constataremos os nossos limites e redescobrirmos o amor de Deus, a sua bondade, o seu cuidado, a sua preocupação em indicar-nos os caminhos que nos conduzem à vida?
- Num momento de crise nacional, os teólogos de Israel põem Moisés a invocar Deus e a pedir-lhe que ajude o seu povo no combate contra o inimigo. Talvez por detrás de tudo isto estejam perspetivas algo primitivas e simplistas sobre o papel de Deus e o sentido da sua intervenção no mundo; mas há também uma intuição que muitos crentes têm experimentado, nas mais diversas circunstâncias: o diálogo com Deus dá-lhes a força de que necessitam para superarem as duras batalhas que a vida os obriga a enfrentar. Precisamos da força de Deus para lutar contra aquilo que nos faz mal e nos destrói; precisamos da ajuda de Deus para não baixarmos os braços diante das dificuldades de todos os dias; precisamos da força que só Deus pode dar para derrotarmos o egoísmo, a inveja, o ódio, a ambição, o orgulho que tomam conta de nós e nos levam por caminhos errados... Quando falamos com Deus, sentimo-nos mais fortes, mais decididos, mais esclarecidos, mais capazes de escolher o bem e a verdade. Quem mantém um diálogo profundo e frequente com Deus, percebe por onde deve ir, descobre como dar sentido à sua vida, sente-se com forças para caminhar na direção certa. Mantemos um diálogo frequente com Deus? Sentimos que a oração nos faz bem e nos ajuda a encontrar caminhos certos, caminhos definitivos? *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 120 (121)

**Refrão: O nosso auxílio vem do Senhor,
que fez o céu e a terra.**

**Levanto os meus olhos para os montes:
donde me virá o auxílio?**

O meu auxílio vem do Senhor,
que fez o céu e a terra.
Não permitirá que vacilem os teus passos,
não dormirá Aquele que te guarda.
Não há de dormir nem adormecer
aquele que guarda Israel.
O Senhor é quem te guarda,
o Senhor está a teu lado, Ele é o teu abrigo.
O sol não te fará mal durante o dia,
nem a luz durante a noite.
O Senhor te defende de todo o mal,
o Senhor vela pela tua vida.
Ele te protege quando vais e quando vens,
agora e para sempre.

LEITURA II – 2 Timóteo 3,14-4,2

Caríssimo:

**Permanece firme no que aprendeste
e aceitaste como certo,
sabendo de quem o aprendeste.
Desde a infância conheces as Sagradas Escrituras;
elas podem dar-te a sabedoria que leva à salvação,
pela fé em Cristo Jesus.
Toda a Escritura, inspirada por Deus,
é útil para ensinar, persuadir, corrigir
e formar segundo a justiça.
Assim o homem de Deus será perfeito,
bem preparado para todas as boas obras.
Conjuro-te diante de Deus e de Jesus Cristo,
que há de julgar os vivos e os mortos,
pela sua manifestação e pelo seu reino:
Proclama a palavra,
insiste a propósito e fora de propósito,
argumenta, ameaça e exorta,
com toda a paciência e doutrina.**

CONTEXTO

Quem é este Timóteo, o destinatário deste texto? Trata-se de um cristão oriundo da cidade de Listra, nascido de pai grego e de mãe judeo-cristã. O apóstolo Paulo teria encontrado Timóteo quando passou por Listra, no decurso da sua segunda viagem missionária (anos 50-52). Quando Paulo seguiu viagem, Timóteo acompanhou-o, aparecendo junto dele na Bereia, em Atenas (cf. At 17,14-15), em Corinto (cf. At 18,5) e em Éfeso (cf. At 19,22). Paulo confiava plenamente em Timóteo, chegando a encarregá-lo de algumas intervenções delicadas junto de comunidades cristãs que se defrontavam com problemas diversos (cf. 1 Ts 3,2.6; 1 Cor 4,17; 16,10-11). A tradição cristã refere Timóteo como o primeiro bispo de Éfeso.

A segunda Carta a Timóteo apresenta-se como uma carta escrita por Paulo enquanto está na prisão (provavelmente em Roma). Sentindo aproximar-se o tempo da sua partida deste mundo, Paulo teria escrito ao seu discípulo e amigo Timóteo, exortando-o a manter-se fiel ao dom recebido de Deus e à missão que lhe foi confiada. É uma carta carregada de sentimento, uma verdadeira carta de despedida. O testemunho de Paulo, que viveu sempre fiel à missão que Deus lhe confiou, é apresentado como encorajamento para Timóteo e para todos os que são chamados a animar e orientar as comunidades cristãs.

Na verdade, os especialistas consideram que dificilmente esta carta poderá ser atribuída ao apóstolo Paulo. As problemáticas tratadas e a estrutura eclesial que é suposta na carta são, muito provavelmente, do final do séc. I, numa altura em que a comunidade eclesial se debatia com o problema dos falsos mestres que, com doutrinas falsas, lançavam a confusão entre os cristãos. Paulo teria sido martirizado em Roma muito antes de tudo isto, por volta do ano 65, na altura da perseguição ordenada por Nero contra os cristãos. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- No final do séc. I, as comunidades cristãs deparavam-se, frequentemente, com “mestres” que se diziam cristãos, mas que ensinavam doutrinas que não coincidiam exatamente com a fé recebida da tradição apostólica e da Sagrada Escritura. Isto provocava, naturalmente, alarme e confusão: por

onde passa a verdade da fé? Que critérios deverão ser tidos em conta para não sermos enganados e não nos afastarmos do caminho certo? Hoje, no séc. XXI, numa época de relativismo e de opiniões desencontradas, toda esta problemática acaba por fazer-se bem presente na nossa experiência de vida e de fé: há verdades absolutas e universais, às quais não podemos renunciar, ou é tudo uma questão de opinião e de perspectiva? Os valores e padrões morais dependem de contextos particulares contexto e das “visões” de cada cultura, ou são exigências ineludíveis que brotam do Evangelho e do seguimento de Jesus? Em que verdades devemos basear-nos para delinearmos a nossa história de vida? O autor da segunda Carta a Timóteo tem uma perspectiva bem definida: em matéria de fé, o cristão tem de construir o edifício da sua existência a partir da Sagrada Escritura e da doutrina transmitida pela tradição viva da Igreja. É sobre esses alicerces que temos construído a nossa fé? Por vezes encontramos pessoas que dizem, para justificar certas opções ou comportamentos: “eu cá tenho a minha fé”. De que fé se trata? De uma “fé” particular, construída ao sabor de interesses e visões pessoais, ou da fé da Igreja, da fé que une todos os discípulos de Jesus e que os faz caminhar em comunidade, sendo uma única família?

- O autor da segunda Carta a Timóteo exorta o destinatário (ou os destinatários) da Carta a ter sempre em conta, na construção do edifício da sua fé, a Escritura Sagrada. Ela ajuda a formar o “homem de Deus”, o homem “perfeito”, “bem preparado para todas as boas obras”. No séc. XIX, o papa Leão XIII dizia isto de uma forma muito bela: a Escritura é “uma carta outorgada pelo Pai do céu ao género humano, em peregrinação longe da sua pátria, e transmitida pelos autores sagrados” (Carta Encíclica *Providentissimus Deus*, nº 1). Nessa “carta”, Deus “diz-nos” o seu amor e mostra-nos como devemos viver para caminharmos em direção à vida. Ignorar essa “carta” de amor que Deus nos escreveu e construir a nossa fé à margem dela, tornaria a nossa vida e a nossa experiência de fé consideravelmente mais pobres. Que lugar ocupa a leitura, a reflexão e a partilha da Palavra de Deus na nossa vida pessoal? Que lugar ocupa a Palavra de Deus na vida e na experiência das nossas comunidades cristãs? O que é que assume um valor mais determinante na experiência cristã: as práticas rituais, as devoções particulares, as leis e os códigos, ou a Palavra de Deus?
- É verdade que Deus, para nos fazer chegar a sua “carta” em linguagem perceptível para nós, nos “escreveu” através de homens. Esses homens viveram em determinada época e usaram a linguagem da sua época. Serviram-se de géneros literários, de formas de expressão, de imagens e de símbolos próprios do seu tempo e da sua cultura. Talvez essas formas de expressão nos soem, em pleno séc. XXI, distantes, estranhas, longe da nossa realidade, do nosso mundo e da nossa vida. Para compreendermos a “carta de Deus”, precisamos de conhecer o mundo bíblico, o tempo, o contexto, o “ambiente” em que o redator de determinado livro viveu; e, só depois de termos “descascado” aquilo que é acessório, encontraremos o essencial: a mensagem eterna de Deus para nós. Estamos verdadeiramente interessados em conhecer, em estudar, em compreender a Palavra de Deus? As nossas atividades de evangelização assentam na Palavra de Deus? Nas comunidades cristãs há a preocupação de organizar cursos e encontros que permitam a todos conhecer e compreender a Sagrada Escritura?
- Timóteo é exortado a servir a Palavra e a proclamá-la “a propósito e fora de propósito”, em todas as circunstâncias, sem medo, sem vergonha, sem atenuar a radicalidade e a exigência da Palavra de Deus, sem cedências aos interesses dos que se sentem incomodados pelos desafios de Deus. É assim que procedem aqueles e aquelas a quem a Igreja confia o serviço da Palavra? Os que têm a missão de proclamar a Palavra e de a explicar aos irmãos, procuram fazê-lo de forma clara e cativante, a fim de que a Palavra chegue ao coração dos que a escutam? *in Dehonianos*

EVANGELHO – Lucas 18,1-8

Naquele tempo,

Jesus disse aos seus discípulos uma parábola

sobre a necessidade de orar sempre sem desanimar:

«Em certa cidade vivia um juiz

que não temia a Deus nem respeitava os homens.

Havia naquela cidade uma viúva

que vinha ter com ele e lhe dizia:

‘Faz-me justiça contra o meu adversário’.

Durante muito tempo ele não quis atendê-la.

Mas depois disse consigo:

‘É certo que eu não temo a Deus nem respeito os homens;

mas, porque esta viúva me importuna,

vou fazer-lhe justiça,

para que não venha incomodar-me indefinidamente’».

E o Senhor acrescentou:

«Escutai o que diz o juiz iníquo!...

E Deus não havia de fazer justiça aos seus eleitos,

que por Ele clamam dia e noite,

e iria fazê-los esperar muito tempo?

Eu vos digo que lhes fará justiça bem depressa.

Mas quando voltar o Filho do homem,

encontrará fé sobre esta terra?»

CONTEXTO

Jesus e os discípulos estão a caminho a Jerusalém. O tempo começa a esgotar-se, pois cada passo nesse caminho aproxima mais Jesus do seu destino de cruz. Quando Jesus, pela morte na cruz, reentrar na glória do Pai, os discípulos ficarão sozinhos no mundo. Terão como missão continuar, pelo tempo fora, a obra de Jesus. Conseguirão fazê-lo? Parecem ainda tão distantes da lógica do Reino de Deus! Serão capazes de perceber o projeto de Deus, de acolher as indicações de Deus, de confiar suficientemente em Deus, de esperar pacientemente que Deus aja no mundo e na história? Não irão impacientar-se e desanimar enquanto esperam que o Reino de Deus se concretize? Não irão desistir quando lhes parecer que Deus fica em silêncio diante da maldade, da violência, da injustiça? Jesus sabia, por experiência própria, que o diálogo frequente com Deus – a oração – era fundamental para compreender, para acolher e para abraçar o projeto de Deus. Ele próprio, antes de tomar decisões importantes, retirava-se para sítios isolados e passava longas horas a dialogar com o Pai, a escutar o Pai, a procurar discernir a vontade do Pai.

Lucas refere a oração de Jesus em diversas situações, nomeadamente no Batismo (cf. Lc 3,21), antes da eleição dos Doze (cf. Lc 6,12), antes do primeiro anúncio da paixão (cf. Lc 9,18), no contexto da transfiguração (cf. Lc 9,28-29), após o regresso dos discípulos da missão (cf. Lc 10,21), na última ceia (cf. Lc 22,32), no Getsêmani (cf. Lc 22,40-46) e na cruz (cf. Lc 23,34.46). O diálogo com o Pai pacificava Jesus, ajudava-O a ver as coisas mais claras, a confiar plenamente em Deus, a entregar-se plenamente nas mãos de Deus.

Jesus queria que os discípulos fizessem esta experiência. Por isso, contou aos discípulos uma parábola “sobre a necessidade de orar sempre sem desanimar” (vers. 1). Este texto é exclusivo de Lucas. *In Dehonianos*.

INTERPELAÇÕES

- Porque é que Deus permite que tantos milhões dos seus filhos sobrevivam em condições tão degradantes, despojados da sua dignidade e dos seus direitos básicos? Porque é que os maus, os injustos e os violentos praticam arbitrariedades sem conta contra os mais débeis e, aparentemente, nenhum mal lhes acontece? Como é que Deus aceita que quase dez por cento da população mundial passe fome? Onde está Deus quando as ditaduras ou os imperialismos maltratam povos inteiros? Porque é que Deus deixa que determinadas doenças continuem a ceifar tantas vidas? Porque é que Deus não evita que as catástrofes naturais deixem por todo o lado um rasto de sofrimento e de morte? Será Deus insensível ao sofrimento que atinge os seus filhos que peregrinam no mundo e na história? O evangelista Lucas está convicto de que Deus não fica indiferente aos dramas e sofrimentos dos homens. Mais tarde ou mais cedo, no tempo oportuno, Ele irá intervir para fazer justiça aos seus filhos. Talvez a nossa impaciência tenha dificuldade em compreender o ritmo e o tempo de Deus; mas Deus acompanha a nossa vida, escuta os nossos gritos de aflição, sabe de que precisamos e, na altura certa, irá atuar. Seremos capazes de confiar em Deus, de acreditar no seu amor, de nos fiarmos na sua bondade, de deixarmos a nossa vida nas suas mãos? Mesmo quando Deus não vai ao ritmo da nossa impaciência, confiamos n'Ele?
- Como podemos manter a confiança em Deus? Como podemos acreditar n'Ele quando a lógica dos Seus planos nos escapa completamente? Jesus, a partir da sua própria experiência de Deus, propunha aos seus discípulos uma forma de chegarmos ao coração de Deus: é necessário viver em contínuo diálogo com Deus, numa constante escuta de Deus. Quando dialogamos com Deus, aprofundamos os laços com Ele, consolidamos a comunhão com Ele, aprendemos a confiar completamente n'Ele; quando escutamos Deus, começamos a perceber o seu projeto para o mundo e para os homens e sentimos vontade de nos envolvermos na concretização desse projeto; quando falamos com Deus descobrimos que Ele se interessa pelas nossas questões e que não fica indiferente diante daquilo que nos inquieta; quando questionamos Deus encontramos respostas para a maior parte das nossas dúvidas e incertezas; quando “tocamos” o amor e a misericórdia de Deus percebemos que Ele nunca nos abandonará e que nunca ficará indiferente à nossa sorte. Estamos dispostos a acolher a indicação de Jesus e a manter um diálogo frequente com Deus? Que lugar ocupa a oração na nossa vida? Sentimos que a oração nos aproxima de Deus e nos ajuda a entender o projeto de Deus para nós e para o mundo?

- Como se processa o nosso diálogo com Deus? É um monólogo em que nos limitamos a atirar a Deus, de rajada, as nossas reivindicações e as nossas listas de pedidos, porque não temos tempo ou disposição para mais, ou é um diálogo franco, sincero, sem pressas, que é simultaneamente escuta e partilha, agradecimento e prece, obediência e confiança, conversa de Pai para filho e de filho para Pai? A nossa oração é uma simples descarga de palavras e de fórmulas que temos gravadas na nossa mente e que reproduzimos de forma mecânica para acalmar a nossa consciência, ou é uma partilha com Deus daquilo que nos preocupa e inquieta, daquilo que nos assusta e desafia, e também daquilo que enche a nossa vida de felicidade e de encanto? No nosso diálogo com Deus damos-Lhe espaço para falar, para nos contar os seus projetos, para nos dizer o que espera de nós? O nosso diálogo com Deus é constante, ou depende da nossa disposição, do nosso tempo disponível, dos interesses que temos em agenda?
- Muitas vezes ficamos com a impressão de que Deus não dá importância aos nossos pedidos. Porque será? Será porque Deus não quer saber, ou será porque os nossos pedidos não fazem sentido à luz da Sua lógica? Às vezes pedimos a Deus coisas que nos compete a nós conseguir; deverá Ele favorecer a nossa preguiça? Às vezes pedimos a Deus coisas que nos parecem boas, mas que, em última análise, têm efeitos negativos na construção da nossa vida; fará sentido Deus conceder-nolas? Às vezes pedimos a Deus coisas que são boas para nós, mas que implicam sofrimento e injustiça para os nossos irmãos; poderá Deus beneficiar-nos em prejuízo de outras pessoas? *in Dehonianos.*

Para os leitores:

A **primeira leitura** apresenta apenas alguma dificuldade na pronúncia de alguns nomes próprios que exigem uma correta preparação para uma correta proclamação: «Amalec», «Refidim» e «Hur».

A **segunda leitura** é marcada pelo tom exortativo do discurso de Paulo a Timóteo pelo que esta natureza do texto deve ser tida em conta na proclamação para transmitir toda a força literária da mensagem veiculada. As formas verbais no imperativo, proclamadas com expressividade, ajudarão a uma maior eficácia da leitura.

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)